

# **Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero**

*Jean Baptista\**

*Tony Boita\*\**

## **Resumo**

A partir de questões surgidas com a morte de Giuseppe Campuzano, fundador do Museu Travesti do Peru, o presente estudo problematiza a ausência de um debate museológico sobre a questão LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Para tal, elenca algumas experiências museológicas que se dedicam ao tema da identidade de gênero no Ocidente, América Latina e Brasil. Objetiva-se, com isso, sintetizar temas e experiências museais interessadas na superação do extermínio da população LGBT e de sua invisibilidade. A partir desses dados, procura-se caracterizar uma museologia onde o protagonismo LGBT pode contribuir no processo democratizador empreendido pela Museologia Social.

**Palavras-chave:** Museologia Social. Museu Travesti. LGBT. Memória. Gênero. Identidade.

Não queremos falar da dor que a morte de Giuseppe Campuzano, fundador do Museu Travesti (Peru), nos provoca. Queremos nos travestir de Campuzano, usar maquiagem incaica, manto de plumas das aves sagradas e peruca negra de fios longos para pensar a imensa contribuição que deixa não só para seu país de origem, mas para todos nós, profissionais de museus interessados na democratização da memória.

Há dez anos, em 2003, Giuseppe Campuzano criou uma vivência museal que se tornou um marco: o Museu Travesti do Peru. Possuía no corpo do próprio diretor pilares de seu acervo e na história do Peru os fundamentos da vertente trans dos museus. “O Museu Travesti do Peru nasce da necessidade de uma história própria”, diz Giuseppe no site do Museu, “ensaiando uma arqueologia das maquiagens e uma filosofia dos corpos para propor uma elaboração de metáforas mais produtivas que qualquer catalogação excludente”. Na vanguarda do debate, Campuzano traveste-se em Virgem Maria, em deusas incaicas, em virgens destinadas aos sacrifícios ritualísticos de antigos povos indígenas. Na metáfora, denuncia o racismo e a transfobia católica, estatal, peruana, latino-americana, o não-lugar de cada um de nós LGBT. E o fez respondendo a toda brutalidade com cores vivas, com figurinos extraordinários, com pesquisas filosóficas e antropológicas regidas por discursos de união/paz que encontravam seu próprio corpo em performances que não podem ser esquecidas.

Embora a transfobia tenha determinado a exclusão do pensamento trans da produção museológica, Campuzano demonstrou que a capacidade de transicionar está no corpo da museologia. Nos museus, transicionamos patrimônio, reencontramos suas identidades em espaços contemporâneos e travestimos os objetos com novos sentidos, sentidos contemporâneos. O Museu é, de fato, um espaço travesti.

Das musas gregas – na verdade, dos musos travestidos no teatro antigo (ULLMANN, 2007) – acompanhamos a transição constante dos museus. Hoje pretendem ser inclusivos, combater discriminações, defender o direito à memória. No contexto latino-americano e no

Brasil, que mais mata LGBT no mundo, essa nova performance dos museus é emergencial. Contudo, o direito à memória se tornou um grande chavão na museologia ao menos no que se refere aos LGBT. No Brasil, a ideia de um museu trans ou LGBT demora a pegar: seja pela força da homo, lesbo e transfobia que domina as políticas culturais, seja pelo lugar do museu no Brasil, intencionalmente excludente, que teima em coquetéis e escandalosos banquetes do mais do mesmo ao invés de se democratizar.

No âmbito geral dos museus, impera o raciocínio excludente “não tenho nada contra”, nos disse certo diretor de um museu mantido por fundos públicos, “mas esta não é a missão do *meu* museu”. Assim tem sido os museus de arte, medicina, história, tecnologia ou até mesmo os comunitários se protegem em suas missões que, evidentemente, não incluem a questão LGBT justamente por terem sido construídas em contextos fóbicos aos mesmos. Perde-se, com isso, a possibilidade de discutir com a sociedade os capítulos de uma história violenta e as alternativas de paz que poderiam construir.

Silêncios nos museus, silêncios na academia. A falta de políticas de combate à fobia aos LGBT nas universidades, a incapacidade das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) em possuir um programa de acesso (onde o nome social fosse utilizado desde o início dos processos seletivos) e permanência LGBT, a ausência de linhas de pesquisa ou publicações sobre o tema, a negativa de orientação constante aos estudantes interessados em pesquisar o tema (o argumento recorrente é a ausência de produção), entre outros fatores, evidenciam a convivência acadêmica com a homo, lesbo e transfobia. Eventos da museologia tratando especificamente do tema? Nenhum até o momento, é claro.

Disso tudo, longas dúvidas: o que podemos afirmar sobre a comunidade museológica brasileira a partir do fato dos mais de três mil museus do Brasil não abordarem a questão LGBT? O que faz com que nem mesmo exposições temporárias, com curadoria trans, por exemplo, possam ser montadas? Em tempos inclusivos, a referida ausência de produção científica sobre o tema, deve-se a que fator? O que impede de associar o dia 18 de maio, dia internacional

dos museus (ICOM), ao dia 17 de maio, data alusiva ao combate à homofobia adotada pela ONU? E por que não há uma Primavera nos Museus LGBT promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)? Por que parece ser absolutamente impossível pensar que o Brasil possa ter uma experiência como a do Museu Travesti no Peru? Será a comunidade museológica brasileira homo, lesbo e transfóbica?

De fato, ao associar tais interrogações, parece mesmo que a museologia no Brasil – e quiçá no mundo – ainda não superou a matriz heterossexual (BUTLER, 2003), ou seja, o campo ainda associa a sexualidade a determinações hierarquizadoras do gênero, possuindo a heterossexualidade como modelo ideológico e discursivo hegemônico.

Novidades recentes, entretanto, temos para contar. O próprio espaço que o presente texto desfruta nesta publicação, já anuncia que novos tempos estão chegando. Começa-se a desenhar no Brasil a possibilidade de falarmos de uma museologia protagonizada por LGBT's, ou seja, uma museologia composta por um dos mais importantes pronomes da contemporaneidade, o *nós*, pronome que nos permite falar em coletivo, referenciar o pertencimento a uma comunidade unida por critérios de orientação sexual e afetiva, comunidade, esta, dotada de um sistema próprio de elementos culturais, de demandas singulares e, sobretudo, interessada na superação da homofobia.

### **Museologia e LGBT's no Mundo**

As movimentações ocorridas no Brasil nos últimos anos acompanham um fluxo do debate internacional sobre os direitos LGBT. Ao passo que questões sobre o casamento, adoção, cirurgias de redesignação sexual, pena de morte/criminalização e violência aos LGBT lideram pautas e movimentações da comunidade, a busca pelo direito à memória também está presente no cenário global.

Na verdade, a relação LGBT com museus vem de longa data, com destaque para o período pós II Guerra Mundial. Espaços como

o *Gründerzeit Museum*, em Berlim, construído a partir da coleção de objetos cotidianos recolhidos pela transexual alemã Charlotte von Mahlsdorf, tornaram-se referência para os LGBT's do mundo, ainda que compondo-se como espaços clandestinos (MAHLSDORF, 2004). Já o *Leslie-Lohman Museum of Gay and Lesbian Art*, em Nova York, acumula desde 1969 talvez a maior coleção de obras de artistas LGBT's do mundo – a coleção foi ampliada no período pandêmico da Aids, quando as obras de artistas gays mortos pela doença passaram a ser desvalorizados ou até mesmo encontrados no lixo (WEIERMAIR, 2008). Uma onda de museus eróticos – como o provocativo *Museu do Sexo em Amsterdã* (1985), o pudico *MoSex* em Nova York (2002) e o *Museo do México* – levam o nome de museu muito embora proponham-se atividades comerciais e sexuais em horários alternativos, abordando a temática LGBT no cenário das múltiplas sexualidades da humanidade.

Contudo, a questão LGBT sempre reivindicou um espaço específico no cenário da sexualidade quando o assunto é museus. Nesse sentido, o primeiro museu destinado à história e memória de homossexuais é o *Schwules*, em Berlim, inaugurado em 1985 em um ato com alta repercussão global. Trata-se de uma duradoura organização onde o protagonismo LGBT liderou o debate, produzindo célebres exposições sobre artistas e personalidades, bem como registrando múltiplos casos sobre a perseguição aos LGBT's (STERNEWEILER, 2004). Desse ponto em diante, multiplicam-se as experiências em cenários emblemáticos: em 2003, como já apontado, o *Museu Travesti* no Peru nasce como a primeira prática museal onde o recorte trans é privilegiado, sendo até hoje referência única sobre o tema; desde 2011, em uma sala alugada por cinco anos no célebre bairro Castro de São Francisco, encontram-se exposições destinadas à história da libertação da comunidade gay, bissexual e transexual no *Gay Lesbian Bisexual Transgender Museum*, primeiro museu do gênero nos Estados Unidos (BAUTISTA, 2014, p. 87); em 2006, até mesmo o popular *Museu de Cera Madame Tussaud* de Londres ganhou uma ala gay; já em 2013, o *Museu Britânico* lançou uma importante publicação

que retrata peças da história LGBT, mas não parece ter tido coragem de realizar uma exposição no museu, tratando a seleção como um guia de obras (PARKINSON, 2013); ainda em 2013, Israel inaugurou um monumento às vítimas LGBT do holocausto no parque central de Tel Aviv, cidade com maior proporção de LGBT's no universo judaico; com a missão de dimensionar "uma História que une milhões de pessoas, mas raramente é representada nos museus tradicionais", o Museu Nacional LGBT, em Washington, EUA, anuncia em 2013 em se tornar uma das maiores referências mundiais sobre o tema.

Em comum, boa parte desses espaços nascem de organizações ativistas, sem apoio acadêmico ou de organizações museológicas internacionais. Também em seus discursos apresentam a necessidade de acolhimento da memória LGBT, bem como denunciam a invisibilidade da comunidade em museus convencionais. Debates, encontros, cineclubes e outras formas de reunião também demonstram que o público interessado neste tipo de temática é vasto, não existindo a problemática comum de carência de público que abate a maioria dos museus. Mas, acima de tudo, essas ações demonstram que uma museologia com protagonismo LGBT já é uma realidade internacional.

### **Museologia e LGBT's no Brasil**

Especialmente desenhada a partir da carta final da *Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, evento realizado em 2001, na cidade de Durban (África), por movimentos sociais do mundo, a política de Ações Afirmativas passou a afetar diretamente um conjunto de ciências e áreas do saber em um plano global. No Brasil, as Políticas Públicas contemporâneas baseiam-se em sua aplicabilidade, tornando o campo dos Direitos Humanos e Culturais um dos mais férteis na última década, como se percebe na criação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que versam sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro e indígena em espaços de educação, (SANTOS; MENDONÇA; BONFIM), na geração do novo sistema de cotas para universidades

do Brasil e no próprio Programa de Pontos de Memória (Ibram). No campo teórico da museologia, as Ações Afirmativas encontraram apoio na Museologia Social, com quem compartilha múltiplos pontos de convergência, provocando práticas diferenciadas como, por exemplo, a abordagem afirmativa no Museu Afro-Brasileiro da Bahia (FREITAS; BAÊTA; FERREIRA, 2006), no Museu Treze de Maio, em Santa Maria (RS), em sua integralidade (ESCOBAR; LAMEIRA; LIMBERGER, 2006), e a (re)significação da história do acervo do Museu das Missões (deixando de ser exclusivamente jesuítico para se tornar um espaço de história e memória indígena) (BAUER, 2007; BAPTISTA, 2008). Embora muitas vezes se esqueça, ao passo que as questões étnicas destacam-se nas Ações Afirmativas, elas não se restringem somente a essas comunidades, mas também a qualquer outra que sofra processo de exclusão histórica que afeta sua identidade e marginalize seu acesso às instituições.

Nesse cenário favorável à “diversidade museal”, a museologia no Brasil tem experimentado “o alargamento do espectro de vozes institucionais, a flexibilização das narrativas museográficas de grandes sínteses nacionais ou regionais, a experimentação de novos modelos museológicos e museográficos, a disseminação de museus e casas de memória por todo o país” (CHAGAS, 2013). De fato, *museologias* com outras perspectivas estão a brotar, conforme a possibilidade de apropriação dos grupos que pertencem a identidades escamoteadas nas leituras clássicas da memória nacional.

Este é o caso da movimentação LGBT surgida nos últimos anos no Brasil. Dotada de uma linguagem própria, nascida diretamente das pautas do movimento LGBT, tem o combate à homofobia como tema central, bem como organizada, mantida e multiplicada majoritariamente pelos próprios LGBT's, uma museologia abre espaço em cenários onde, corriqueiramente, não é considerada bem-vinda. Nesse sentido, cabem algumas considerações sobre as etapas que tal movimentação tem tomado, bem como dimensionar sua historicidade, mesmo sabendo que toda tentativa de síntese exclui etapas processuais que desconhecemos ou que não dispomos de espaço para aprofundar.

**a) IV Fórum Nacional de Museus (2010):** um importante acontecimento na comunidade museológica marcou o maior encontro de museologia do país em 2010. Em uma palestra bem humorada e descontraída, o antropólogo e historiador Luiz Mott apresentou o Museu da Sexualidade, espaço promovido pelo Grupo Gay da Bahia. Foi, certamente, a primeira vez que a museologia no Brasil ganhou a oportunidade de uma reflexão profunda sobre a homofobia expressa nos museus. Na palestra, Mott apontou o desfavor do Museu Santos Dumond e da exposição *O Brasil de Pierre Verger*, entre outros, em escamotear a identidade LGBT de importantes nomes da história do país. Ao entender a necessidade de referências positivas da população LGBT na memória nacional, o pesquisador demonstrou que a homofobia em espaços de memória também está relacionada com as altas taxas de suicídio e de homicídios LGBT no país. Infelizmente não restou um registro seguro daquele momento, mas a fala deixou um profundo impacto em profissionais de museus e estudantes de museologia que estavam presentes, iniciando um debate interno que culminaria em organizações e ações posteriores capazes de problematizar com profundidade a relação entre exclusão, homofobia, taxas de extermínio da população LGBT no país e os museus.

**b) Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil:** no V Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis (RJ), em 2012, uma importante mobilização por parte de profissionais de museus ocorreu. Paralelamente ao evento, ativistas LGBT's integrantes de universidades, pontos de memória ou de museus convencionais reuniram-se para debater a ausência LGBT nas políticas nacionais de memória. O convite para a reunião foi expandido não apenas para LGBT's, mas também para heterossexuais presentes no evento – nem todos atenderam e importantes teóricos da museologia social chegaram a questionar a validade conceitual de relacionar comunidade LGBT à museologia. Em meio a tal oposição, tornou-se evidente que a temática homofobia em museus não teria um percurso simples, necessitando de uma organização maior. Nesse sentido, o grupo reunido se articulou para criar uma organização que tratasse



do tema de forma objetiva e interessada no enfrentamento positivo destinado à superação da homofobia nos museus. Com isso, nasceu a Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, rede que passou a ser uma central de apoio, debates, análises e críticas sobre a museologia e sua relação com a comunidade LGBT. Em virtude da ausência de recursos, a Rede amarga a impossibilidade de criar eventos, publicações e outras ações que representem de forma consistente suas ações. Com apenas um ano de fundação, a Rede dá sinais seguros de sobrevivência, mas certamente necessita de apoio maior para a efetivação de suas ações.

**c) Projetos em Memória e Museologia Social:** o crescente número de profissionais LGBT's que assumem suas identidades no meio acadêmico tem provocado o surgimento de inúmeros projetos de pesquisa, ensino e extensão vinculados ou não a instituições de ensino superior. Alguns exemplos são esclarecedores: o projeto Memória Lgbt, coordenado por Rita Colaço, destinado a promover a memória e o turismo LGBT no Rio de Janeiro, é um exemplo do quanto ativistas que se somam aos conhecimentos universitários tornam-se fortes atuantes em áreas como patrimônio, museologia e história; coletivos estudantis e universitários, como o grupo Camaleão na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), promovem sucessivos encontros em datas simbólicas, tal qual 28 de junho (StoneWall) e 29 de janeiro (visibilidade trans), produzindo uma política estudantil voltada à comunidade LGBT fundamentada na memória, valendo-se especialmente da produção de exposições que retratam sobretudo a homofobia institucionalizada nas universidades; já o projeto Memória e Resistência LGBT, promovido pelos autores do presente artigo, oferecem a universidades, museus e escolas um minicurso de extensão destinado ao aprimoramento das instituições em abordar a temática LGBT, tanto no que diz respeito aos seus conteúdos quanto as alternativas de se relacionar com tal público. Na medida em que editais como o Programa de Extensão (Proext) tem se fortalecido via governo federal, as experiências do gênero tendem a se multiplicar.

**d) LGBT's EM MUSEUS:** embora esteja longe de se considerar uma estratégia plenamente satisfatória de ocupação, muitos museus do Brasil passaram a abrir seus espaços para a população LGBT em uma série de encontros, eventos e debates no formato de atividades paralelas. Entre elas, podemos citar a disponibilidade do Museu dos Direitos Humanos em Porto Alegre para o festival *Close* que, em 2013, reuniu produções cinematográficas sobre a temática do mundo todo. Nesse mesmo sentido, o lançamento do livro *História da Imprensa Gay*, que contou com palestra do deputado Jean Willians e presença representativa de personalidades e intelectuais do meio, realizado no Museu de Arte Moderna de São Paulo, possibilitou o debate sobre a ausência LGBT no cenário museológico, entre outros temas. Quebrando tabus, o Museu do Futebol sediou um debate sobre a homofobia no esporte em 2013, prometendo, de quebra, uma futura exposição sobre o tema durante a Copa, fato que se aguarda com expectativa. Contudo, é evidente que importantes museus do Brasil, considerados estratégicos para a consolidação de memórias, como o Museu Histórico Nacional, ainda não se manifestaram sobre a possibilidade ou disposição em estreitar os laços com o movimento LGBT, pesando, ainda, a ausência de uma ação efetiva por parte dos museus que favoreça a protagonismo LGBT nos museus do Brasil.

**e) Exposição temporária do babado: registros de uma sociedade plural e homofóbica:** no Museu das Bandeiras (Muban-Ibram), na Cidade de Goiás, um caso tornou-se marco da museologia brasileira relacionada à comunidade LGBT e sintetiza múltiplos aspectos que envolvem sua produção. Integrante de um amplo projeto afirmativo liderado pela então diretora do Muban, a museóloga Girlene Chagas Bulhões, iniciou-se um profundo debate para a produção da exposição temporária interessada na história e memória LGBT. Contando com a colaboração de profissionais de museus, professores universitários, estudantes de museologia e com integrantes da Rede LGBT em Memória e Museologia Social do Brasil, e tendo os autores deste artigo como parte da equipe de organização, montou-se a primeira exposição temporária em museus mantidos com fundos federais que contemplasse a história

e a memória LGBT do país. Para compor a exposição, contou-se com uma ampla campanha pelas redes sociais convidando LGBT's do país a enviarem fotografias sobre seu cotidiano, com o objetivo de comunicar aos visitantes que nosso dia a dia não é tão diferente assim dos demais. Amigos em bares, estudando, casais em cenários bucólicos, indivíduos circulando de ônibus, amigos na praia e até mesmo rapazes passando roupas foram alguns dos temas que apareceram nas imagens que foram impressas e suspensas por fitas coloridas em pedestais que ganharam o pátio do Muban – tudo pensado em não chocar ninguém, mas, sim, aproximar. Paralelamente, uma semana de debates se instalou no Muban: rodas de conversas, shows de divas trans, filmes e uma imensa bandeira LGBT erguida na fachada do prédio marcaram as atividades. Entre todos os transeuntes, a positiva sensação de se ver representado em um importante espaço de memória. Uma vez que o museu, originalmente destinado à manutenção da identidade dos bandeirantes, conhecidos facínoras da história nacional, já havia dedicado atividades e exposições a moradores de rua, apenados, deficientes físicos, negros e indígenas, tornou-se notório que o Museu das Bandeiras passara ser o Museu de *Todas* as Bandeiras, em uma das mais importantes relocalizações simbólicas que a museologia brasileira até então produziu. Evidentemente, setores conservadores manifestaram-se ferozmente e, infelizmente, poucos meses depois, a diretora do museu foi exonerada de sua função e a instituição voltou a se referir apenas aos bandeirantes. O último Encontro de Estudantes de Museologia (ENEMU-Cachoeira, 2013), bem como outros profissionais de museus, produziram documentos protestando contra a exoneração da profissional. As documentações foram enviadas ao Conselho Nacional LGBT, que jamais respondeu, bem como ao próprio Ibram, que negou haver relação entre a exoneração e o tema adotado pela exposição.

**f) Ponto de memória LGBT de Maceió:** em 2012, na cidade com as maiores taxas de homicídios contra a população LGBT, integrantes do movimento local, entre eles Dino Alves, montaram uma exposição onde personalidades da comunidade foram

lembradas e homenageadas. A exposição rendeu ao grupo o título de Ponto de Memória, tornando-se a primeira iniciativa comunitária LGBT reconhecida pelo Ibram.

**g) Museu da Diversidade:** em São Paulo, um museu subway na estação da República, dedicou sua exposição fundante em 2012, *O T da questão*, para população trans. Foi a primeira exposição em um museu mantido por fundos públicos, no caso, o Governo de São Paulo, a adotar especificamente o tema trans. Logo em seguida, esse mesmo museu montou a exposição *Crisálidas*, composta por fotografias de Madalena Schwartz feitas com a população trans dos anos de 1970. A partir disso, o museu consolida-se como um espaço de vanguarda e desfruta de apoio político para seu empreendimento. O Museu conta em sua equipe com profissionais LGBT, o que justifica em nossa análise a alta qualidade dos resultados e a identificação imediata por parte dos LGBT's no espaço museal.

**h) Revista Memória LGBT:** compreendendo que os museus do Brasil não estariam abertos à temática LGBT após sucessivas tentativas em montar exposições em distintos espaços museológicos, os autores do presente artigo iniciaram uma outra jornada interessada na produção de exposições virtuais, reunião de material destinado à afirmação da memória e história LGBT e na significação positiva de conteúdos propriamente museológicos. A primeira revista, lançada em novembro de 2013, celebrou o mês da consciência negra recuperando conteúdos de nossa história e memória afro-LGBT; a segunda edição, vinculada à visibilidade trans, resinificou as musas que tanto são referenciadas na produção museológica, compreendendo-as como musas trans; a terceira edição, alcança um objetivo polêmico e significativo, o Patrimônio Cultural LGBT, propondo-se a mapear as principais referências culturais da comunidade. Duramente criticada por teóricos clássicos da museologia, a revista alcança pelas redes sociais alta difusão, dialogando com públicos variados, tal qual apenas, profissionais do sexo, além de universitários e profissionais de museus do Brasil e do exterior. Com publicação bimestral, a revista é inteiramente gratuita e publica textos de autores majoritariamente LGBT's

que possuam interesse pelo debate sobre a história, memória e patrimônio LGBT no Brasil e no mundo

### **Considerações finais**

A partir do cenário internacional e nacional, podemos inferir alguns aspectos que se configuram em uma emergente segmentação da museologia com protagonismo LGBT, que:

- - questiona diretamente a matriz heterossexual como a definidora de um discurso hegemônico e hierarquizante presente nos museus;
- - entende que a memória pode contribuir no combate à homofobia expressa no Brasil, país que mais mata LGBT's no mundo, a partir do princípio de que os museus vinculam-se diretamente com as premissas do Direitos Humanos e Culturais;
- - concebe que possui como público dois amplos setores sociais: a comunidade LGBT, carente de espaços de memória e de referências históricas que possam servir de arcabouço positivo para a constituição de nossas identidades, e o público geral, homofóbico e desconhecedor da humanidade dos LGBT, necessitando de políticas que provoquem sua adequação ao Estado regido pelo princípio de Direitos Humanos e Culturais;
- - tal museologia pode ser realizada de modo multivocal, contando com a colaboração de profissionais de museus que não necessitam ser integrantes da comunidade LGBT, mas, contudo, pressupõe o uso do pronome "nós", ou seja, aponta o protagonismo LGBT como aspecto fundamental para sua construção – nesse sentido, é uma postura afirmativa;
- - é solidária a outras causas sociais onde a perseguição das identidades levem à exclusão social e ao esquecimento, ainda que saiba que boa parte dos movimentos, identidades e organizações comunitárias não tenham interesse em se conectar com a população LGBT;
- - necessita de uma reflexão mais profunda sobre seu aporte

teórico, métodos, linguagens e estéticas, o que implica no aprofundamento do tema por parte das universidades, gerando novas publicações, abertura de linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, de projetos de extensão universitários e da possibilidade de que os LGBT's possam se formar investigando temas relacionados às suas identidades;

- - possui seu arcabouço teórico assentado na museologia social, muito embora esta comumente tenha ignorado a presença do segmento em basicamente todos os documentos que produz, tornando-se evidente que quando o assunto é sexualidade, até mesmo a abordagem social ainda é conservadora; talvez por isso que a maioria dos exemplos elencados buscam abordagens exteriores ao universo de debate museológico, tal qual as linhagens da teoria quer, da história cultural e até mesmo do materialismo (marxista);
- - possui uma linguagem própria, valendo-se do pajubá para expressar seus códigos, princípios e estratégias de sobrevivência;
- - sabe que não é prioridade das políticas públicas em memória, que não conta com o apoio da comunidade museológica de modo geral e que as amplas parcelas conservadoras da sociedade nacional, mormente aquelas que estão assentadas no controle dos espaços públicos, não a apoiam e não a querem desenvolvida;
- - indica ao debate da Museologia Social e da democratização da memória que ainda há pouco a se comemorar e que o direito à memória em um Estado regido pelos Direitos Humanos ainda não é uma conquista, mas, sim, um necessário caminho a seguir trilhando;
- - ainda que seja evidente a necessidade de criação de espaços de sociabilidade que abordem a história e memória LGBT no Brasil, não resta dúvida que a museologia com protagonismo LGBT não pertence apenas a espaços exclusivos da comunidade – o exemplo do Museu do Futebol, Museu das Bandeiras e do Museu Britânico demonstram este dado,

compreendendo, claramente, que tal história não é apenas a história de um grupo, mas de todos;

- - em contrapartida social, a museologia com protagonismo LGBT oferece à sociedade a possibilidade de pensar a diferença em um recorte de orientação sexual, propondo reflexões sobre o futuro que se quer construir e alternativas para a superação da violência;
- - por fim, as alternativas museais revelam-se como mais uma estratégia de sobrevivência de nossa população, interessada em se representar e protagonizar sua história, valendo-se de um pensamento criativo capaz de encontrar alternativas paralelas aos caminhos tradicionais, tal qual costuma ser nosso cotidiano driblando a homofobia.

Obviamente, nascidos em um mundo que diz não ser para nós, encontramos alternativas criativas para essas barreiras – trata-se da capacidade de se recriar que o pensamento LGBT possibilita. Nesse sentido, temos feito nossa parte, como os exemplos demonstram, no processo de democratização dos museus no Brasil. Mas e você, profissional de museus-patrimônio-memória, o que tem feito no que diz respeito à inclusão LGBT? Sugiro que comece se travestindo para experimentar na pele o brilho de outras representações, como a de Campuzano, e com isso encontrar caminhos que recriem a museologia brasileira, transacionando-a, de fato, em uma museologia efetivamente democratizadora.

## Notas

\*Professor Adjunto do bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador de Inclusão e Permanência (Prograd-UFG) e do Programa de Ações Afirmativas da UFG. Graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (2001), mestrado (2004) e doutorado (2007) em História pela PUCRS. Participa desde 2006 de projetos sobre a questão indígena no Museu das Missões. Integra a Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil e a Rede de Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Museologia Social do Rio Grande do Sul (Repim-RS). É parecerista dos Anais do Museu Histórico Nacional e integrante do Conselho Editorial da Revista Memória LGBT. Possui experiência nas áreas de História e Museologia Social, atuando a partir de temas como Ações Afirmativas, Patrimônio e Extensão Universitária, com ênfase em cultura e desenvolvimento local de grupos vulneráveis brasileiros.

\*\*Membro coordenador da Revista Memória LGBT e articulador da Rede LGBT de Memória e Museologia Social. Formando em Museologia. Foi coordenador de Museologia Social

do Programa de Extensão Comunidades da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) (PROEXT-MEC). Foi contemplado em primeiro lugar com o prêmio agente jovem de cultura (SCDC/MinC). Atualmente, coordena o projeto Patrimônio Cultural LGBT E MUSEUS: mapeamento, limites e possibilidades de memórias negligenciadas.

## Referências

BAPTISTA, Jean. Os Marangatu e as Divindades Missionais: um problema de classificação do acervo do Museu das Missões. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

BAUER, Leticia. O Projeto de Requalificação da Exposição Permanente do Museu das Missões (2004-2006). In: PESAVENTO, Sandra; MEIRA, Ana. **Fronteiras do Mundo Ibérico: patrimônio, território e memória das missões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

BAUTISTA, Susana. **Museums in the Digital Age: Changing Meanings of Place, Community, and Culture**. Maryland, Altamira Press, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAGAS, Mário. **Museu, Memórias e Movimentos Sociais**. Revista Museu. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16512>

ESCOBAR, Giane Vargas; LAMEIRA, Leonardo Veronimo; LIMBERGER, Lucienne Rossi Lopes. Museu Treze de Maio. In: **MUSAS: revista brasileira de museologia**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n°2, 2006.

FREITAS, Joseania Miranda; SILVA, Livia Maria B. da; FERREIRA, Luzia Gomes. Ações afirmativas de caráter museológico no Museu Afro-Brasileiro /UFBA. In: **MUSAS: revista brasileira de museologia**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n°2, 2006.

Mahlsdorf, Charlotte von. **I Am My Own Wife: The True Story of Charlotte von Mahlsdorf**. San Francisco, Cleis Press, 2004.



Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero  
Jean Baptista e Tony Boita

PARKINSON, R.B. **A Little Gay History**. New York, Columbia University Press, 2013.

SANTOS, Laedna Nunes; MENDONÇA, Elizabete de Castro; BONFIM, Wellington de Jesus. A Lei Federal 10.639/03 e o espaço de educação não formal: possibilidades para o Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. In: **II Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas**. Disponível em: [http://200.17.141.110/pos/antropologia/seciri\\_anais\\_eletronicos/down/GT\\_07\\_2011/SANTOS\\_L.pdf](http://200.17.141.110/pos/antropologia/seciri_anais_eletronicos/down/GT_07_2011/SANTOS_L.pdf)

STERNEWEILER, Andreas. **Self-Awareness and Persistence. Two Hundred Years of History**. Schwules Museum, 2004.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre, Edipucrs, 2007.

WEIERMAIR, Peter. **Treasures of Gay Art from theLeslie/ Lohman Gay Art Foundation's Permanent Collection**. All Saints Press, 2008.

Recebido em 2 de março de 2014.  
Aprovado em 28 de abril de 2014.

## **Abstract**

Starting from issues raised with the death of Giuseppe Campuzano, founder of the Transvestite Museum of Peru, the present study problematizes the absence of a museological debate museológico about the LGBT (lesbians, gays, bisexuals and transsexuals) question. With that purpose, it lists some museological experiences dedicated to the theme of gender identity in the West, Latin America and Brazil. The objective is to synthetize museal themes and experiences with an interest in overcoming the extermination of the LGBT population and its invisibility. Based on these facts, the intention is to characterize a museology in which LGBT protagonism may contribute to the democratizing process undertaken by Social Museology.

**Keywords:** Social Museology. Transvestite Museum. LGBT. Memory. Gender. Identity